



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

21. 25 .OUTUBRO . CAMPUS DO VALE

Pode travesti filmar?

Marcas do cinema dirigido por travestis e mulheres trans no cenário brasileiro

Introdução: Investigamos, neste trabalho, uma nova definição de cinema trans, delimitada ao escopo da linguagem fílmica dirigida por pessoas trans. Aqui, reunimos cinco obras de quatro diretoras diferentes para análise: Clara Chroma (Translação, 2016; Os anos 3000 eram feitos de lixo, 2016), Dandara Capibaribe (Lascívia, 2017), Galba Gogóia (Jéssika, 2017) e Julia Katharine (Tea for Two, 2018). Apesar de não necessariamente todos os filmes abordarem histórias de pessoas trans, em todos os filmes há a presença de corpos trans.

Problema: quais as marcas inscritas no cinema dirigido por diretoras trans e travestis brasileiras?

Marco teórico: Diálogo crítico entre a esquizoanálise, os estudos pós-coloniais e as teorias *queer*

Metodologia: Análise fílmica comparativa

Autoria: Euge Helyantus Stumm
Orientador: Amadeu Weinmann

Hipótese: as obras lançam luz para um modo distinto de retratar corpos trans. É marcante a construção de narrativas nas quais as temáticas principais não se restringe ao corpo da personagem, mas no desenvolvimento de subjetividades. Entendemos configurar-se aqui um cinema menor, isto é, que reterritorializa a linguagem do cinema a partir das próprias experiências de tais diretoras.